

### PENSANDO SOBRE AS PRÁTICAS CURRICULARES – CULTURA VISUAL E ESCOLA

Fabiana Lopes de Souza<sup>1</sup>  
Maria Cecília Lorea Leite<sup>2</sup>

Esse texto parte de um recorte de uma pesquisa de doutorado, em andamento, a qual objetiva investigar as concepções das professoras/es de Artes Visuais da rede municipal de ensino de Pelotas-RS, quanto às imagens e as relações de gênero no currículo escolar. Nesse resumo, buscou-se destacar os estudos da cultura visual e suas contribuições para um pensamento crítico e reflexivo sobre as imagens e seus processos de significação, especialmente no que se refere a construção de identidades.

A maneira como vemos o mundo é cotidianamente influenciada por diferentes meios, nos quais a multiplicidade de informações direcionam o nosso olhar e as nossas percepções para fatos e situações. As mídias, os objetos e artefatos visuais fazem parte da cultura visual e apresentam maneiras de como devemos ser e estar nas relações sociais e no mundo. Com isso, é preciso questionar e ressignificar as práticas cotidianas, especialmente as visuais e o quanto as mesmas são capazes de interferir em nossas subjetividades.

De acordo com Martins (2012), a cultura visual reconhece a importância não apenas da compreensão, mas, também, da interpretação crítica das imagens e artefatos visuais. Dessa forma, a cultura visual explora as

conexões e contrastes entre as diversas formas de arte popular e das belas artes; ao incluir e discutir o impacto das imagens de cinema, de publicidade, de jogos de computador e histórias em quadrinhos sobre adolescentes, jovens e adultos; ao ampliar limites culturais e educativos que abrangem outros seguimentos e grupos culturais, suas imagens e artefatos; ao enfatizar, deliberadamente, a relação arte e vida, ou seja, arte e imagem como parte do cotidiano, como parte de uma convivência diária com nossa diversidade e complexidade (MARTINS, 2012, p.71).

<sup>1</sup> PPGE/FAE/UFPeL – [fabiana.lopess2013@gmail.com](mailto:fabiana.lopess2013@gmail.com)

<sup>2</sup> PPGE/FAE/UFPeL – [mclleite@gmail.com](mailto:mclleite@gmail.com)

Programas organizadores



UNIOESTE  
CAMPUS DE  
CASCAVEL

PPGE  
Programa de  
Pós-Graduação  
em Educação



Mestrado  
em Educação  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGE  
Programa de Pós-Graduação  
em Educação

# III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Dessa maneira, ao tratar das práticas curriculares com o uso de imagens na escola, têm-se a possibilidade de pensar e repensar sobre as mesmas, a partir de uma interpretação crítica sobre as diferentes visualidades, assim como as relações entre essas visualidades com as nossas vivências cotidianas.

De modo convergente com as ideias de Martins (2012), Hernández (2013) sugere que se pense sobre os estudos da cultura visual como uma “metodologia viva”, ou seja, como algo em contínua transformação, dados os processos históricos, políticos, os novos objetos e artefatos visuais, as mídias, entre outras visualidades que influenciam o nosso olhar.

A metodologia de pesquisa é baseada no levantamento bibliográfico acerca das temáticas da cultura visual e educação. Para tal, recorreu-se às teorias de Hernández (2013) e Martins (2012), que concordam sobre a necessidade do estudo das imagens da cultura visual, visto que o nosso olhar é influenciado por diferentes meios de informação e imagéticos. Utilizou-se também as referências de Nunes (2015) e Pereira (2008) que discorrem sobre o uso de imagens na escola e a necessidade de um pensamento mais crítico e reflexivo, frente às visualidades e os discursos dominantes que impõem normas, e classificam os/as estudantes.

Os artefatos visuais presentes nas escolas reforçam e representam o que deve ser feito no interior das mesmas. São produções culturais que carregam conjuntos de crenças e seus efeitos discursivos aparecem na maneira de ser e estar de estudantes e professores/as. Em outras palavras, e através de uma abordagem foucaultiana, afirma-se que “[...] artefatos e materiais tornam-se parte das ferramentas e técnicas de governamentalidade no trabalho da política da escola” (BALL; MAGUIRE; BRAUN, 2016, p.172).

As relações de poder entre os/as indivíduos estabelecem as diferenças e produzem “verdades” determinantes de padrões. Assim os artefatos presentes nas paredes das salas e dos corredores das escolas (cartazes, painéis e outros recursos visuais) são materiais que contribuem para o processo de formações discursivas do “bom aluno/a”, “bom desempenho”, “bom comportamento”, etc. A imagem (Figura 1) retrata um exemplo desses materiais.

Programas organizadores



UNIDESTE  
CAMPUS DE  
CASCAVEL

PPGE  
Programa de  
Pós-Graduação  
em Educação



Mestrado  
em Educação  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGE d  
Programa de Pós-Graduação  
em Educação

# III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO



Figura 1: Painel do comportamento.  
Fonte: BAÚ DE LETRAS, 2020.

É importante destacar que esses recursos pedagógicos fazem parte da cultura visual, e que a mesma compreende estudos que vão além das visualidades artísticas, pois, como vimos anteriormente, trata-se de um campo amplo que procura investigar também as imagens produzidas pela mídia, pelas telas do cinema, do computador, assim como todas as imagens presentes na vida cotidiana.

De acordo com Nunes (2015, p.116), “[a]s instituições educativas têm sido territórios de normalização”, assim os discursos dominantes, que se apresentam através dos recursos visuais, controlam e determinam como deve ser o/a estudante ideal, e priorizam e estabelecem normas e padrões a serem seguidos. Tais normas e padrões acabam regulando, produzindo, normalizando e dividindo os/as estudantes, naturalizando inclusive o que é entendido como aceitável e esperado de meninos e meninas no interior das escolas.

As imagens são produtoras de sentidos e fazem parte de nossas experiências cotidianas, dentro e fora da escola. Além disso, é preciso considerar o contexto em que foram produzidas e os significados que são atribuídos às mesmas. As salas de aula são invadidas

por imagens e por artefatos culturais que ensinam, de maneira explícita e eficiente, determinados valores sociais e afetivos. Inclusive a falta e/ou invisibilidade de determinadas imagens instauram maneiras de olhar, produzindo e reproduzindo normas sociais às quais nos adaptamos para melhor interagir uns com os outros (NUNES, 2015, p.123).

Programas organizadores



UNIDESTE  
CAMPUS DE  
CASCAVEL

PPGE  
Programa de  
Pós-Graduação  
em Educação



Mestrado  
em Educação  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd  
Programa de Pós-Graduação  
em Educação

O interior das escolas é repleto de imagens que condicionam o olhar dos/as estudantes, e a escolha dos/as professores/as por determinadas imagens e artefatos visuais e culturais, fazem parte de um currículo oculto que normatiza e divide os/as estudantes. Além disso, os materiais escolares, as roupas, as embalagens dos produtos, que os/as estudantes consomem, carregam as imagens dos/as personagens e/ou marcas de suas preferências; assim, esses objetos tornam-se elementos essenciais para um trabalho pedagógico em sala de aula, que possibilite aos/as estudantes um pensamento crítico e reflexivo.

Pereira (2008) destaca, que na prática docente, os desenhos pedagógicos são representações que sugerem sentidos estereotipados (representações raciais, étnicas e de gênero). Estas visualidades fazem parte do cotidiano escolar, ora “enfeitando” murais, alfabetos e livros didáticos, ora fazendo parte das atividades escolares, como exemplo, as tradicionais folhas que contém desenhos prontos, mimeografados e/ou xerocados (Figuras 2 e 3).



Figuras 2 e 3: Exemplos de folhas para datas comemorativas na escola - “Dia do Índio”, com delimitações de gênero.

Fonte: EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO, 2020.

Nesse sentido as representações visuais podem ser compreendidas como um discurso responsável por reforçar as identidades como fixas e definidas e essas práticas curriculares celebram as datas comemorativas a partir de narrativas visuais nacionais, raciais e étnicas. “Em geral essas narrativas celebram o mito da origem nacional, confirmam o privilégio das



# III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

identidades dominantes e tratam as identidades dominadas como exóticas ou folclóricas” (SILVA, p.101, 2017).

Pereira (2008) reafirma, com base em uma abordagem foucaultiana, que vivemos em um mundo de representações, no qual tudo é discurso. Neste sentido, as identidades também são discursos, em que as posições de sujeitos são conduzidas por campos de poder que têm por finalidade o controle e a normalização.

As imagens estereotipadas, presentes no interior das escolas, constituem processos de significações. Algumas dessas representações se tornam mais válidas do que outras, e normatizam comportamentos e maneiras de ser e estar no espaço escolar, influenciando na construção de identidades e subjetividades dos/das estudantes.

Dessa forma, os estudos da cultura visual contribuem para a compreensão sobre os processos de significação das imagens e suas representações e o quanto as mesmas são vinculadas a relações de poder que determinam identidades.

**Palavras-chave:** Cultura visual. Escola. Práticas curriculares.

## REFERÊNCIAS:

BALL, Stephen J.; MAGUIRE Meg; BRAUN, Annette. Artefatos de Política: Discursos, representações e Traduções. In: Como as escolas fazem as políticas: atuação em escolas secundárias. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016. p. 171-190.

BAÚ DE LETRAS. Painel do comportamento (Imagem). Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/364158319855943184/> Acesso em 19 out. 2020.

EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO. “Dia do índio” (Imagens). Disponível em: <https://www.educacaoetransformacao.com.br/atividades-do-dia-do-indio/> Acesso em 19 out. 2020.

HERNÁNDEZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs) **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. P.77-95.

Programas organizadores



UNIOESTE  
CAMPUS DE  
CASCAVEL



PPGEd  
Programa de Pós-Graduação  
em Educação

# III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

MARTINS, Raimundo. Porque e como falamos da cultura visual? **Visualidades**. V. 4, n.1 e 2, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/17999>> Acesso em: 20 nov. 2019. p.65-79.

NUNES, Luciana Borre. Cultura visual: travessias, provisoriiedades e encontros em processos de ensinar e aprender. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs). **Educação da Cultura visual: aprender ... pesquisar ... ensinar**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015, p.111-132.

PEREIRA, Alexandre Adalberto. O desenho pedagógico e as posições de sujeito em escola ribeirinha de Macapá. 2008. 128f. Dissertação (Mestrado –PPGACV/UFG). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

Programas organizadores



UNIDESTE  
CAMPUS DE  
CASCAVEL

PPGE  
Programa de  
Pós-Graduação  
em Educação



Mestrado  
em Educação  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA  
FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd  
Programa de Pós-Graduação  
em Educação